
*TECHNISCHES ÜBERSETZEN
IN THEORIE UND PRAXIS.*

Brigitte Horn-Helf. Tübingen:
Francke, 1999, 370 pp.

A obra "Tradução técnica - teoria e prática" de Brigitte Horn-Helf, segundo a apresentação pela própria autora (no prefácio), pretende "erguer uma ponte entre a teoria e a prática da tradução", para tentar "superar o abismo" que ainda separa as duas tribos dos tradutores e tradutólogos. Para a autora, de um lado este abismo ganha o nome de "aversão dos tradutores à teoria", enquanto o outro o chamará de "irrelevância da ciência". A ponte que ela sugere com a sua publicação, então, serviria para que "cada um possa conhecer o país desconhecido a partir do próprio território". Evidentemente, com esta proposta ambiciosa, a autora expõe-se ao risco de receber críticas dos dois lados: a de permanecer superficial em termos teóricos e a de não analisar um volume satisfatório de problemas práticos de tradução. Em outras palavras, existe o perigo de que cada grupo continue lendo a obra apenas sob o seu próprio ponto de vista.

Horn-Helf, que é formada no curso de tradutores em Mainz-Germersheim (onde também fez doutorado), dispõe de ampla experiência prática em 25 anos como tradutora na indústria e na sua própria empresa de tradução e é engajada em organizações da categoria na Alemanha. Nas 370 páginas do livro, a autora reproduz, de certa forma, seu caminho profissional: a introdução aborda alguns conceitos básicos de tradução, como tradução "literal", "livre" e "fiel" ou (in-) traduzibilidade, e apresenta de maneira sumária algumas disciplinas acadêmicas que podem contribuir para a análise científica do processo de tradução como a lingüística contrastiva (Coseriu, Neubert, Albrecht), a lingüística textual (Dressler, Beaugrande), a lingüística de translação (Koller, Wilss), a teoria literária (Kloepfer, Konstantinov, Kapp) e a própria tradutologia (Snell-Hornby, Lange, Reiss/Vermeer, Nord).

O segundo capítulo, sobre a teoria da tradução moderna, acrescenta uma apresentação e discussão de vários conceitos de equivalência (textual, relacional, pragmática, comunicativa, normativa, denotativa, conotativa, estética e formal), incluindo considerações

sobre a reciprocidade da tipologia de textos, contextos textuais e situacionais, escopo da tradução e introduzindo modelos do processo translativo que abrangem várias etapas interacionais entre o produtor do texto original, o cliente, o escritório de tradução, o tradutor, e o destinatário do texto final, considerando as diferenças entre tradução assimilativa e dissimilativa (onde o objetivo é decifrar um texto alheio em língua estrangeira e divulgar um texto próprio em outras línguas, respectivamente).

O conceito de equivalência na tradução técnica é abordado no terceiro capítulo, já com estratégias para obtê-la, na área da terminologia: uso de terminologia existente, substituição, modulação, redução/expansão, metaforização, derivação, empréstimo, neologismos, explicação/implicação e paratextos; na área da tipologia de textos - com uma análise da distribuição de passiva/ativa em um corpus de artigos técnicos em inglês, alemão e russo - e na progressão da perspectiva funcional da frase (tema-rema). O quarto capítulo ilustra esta análise com um grande número de exemplos da prática de tradução da autora (do alemão para o russo e o inglês) e

mostra como o tradutor é sujeito a inúmeras dificuldades adicionais, causadas tanto por deficiências e erros no texto original quanto por insuficiências no processo operacional da translação, normalmente devidas à falta de conscientização do cliente do tradutor.

Dois capítulos curtos sobre a crítica de traduções e a didática da tradução complementam a análise com sugestões para as competências a serem desenvolvidas na formação de tradutores: competência de argumentação com o cliente, raciocínio técnico, competência lingüística na área técnica da língua original e alvo, distância crítica do texto original para poder corrigir suas deficiências, distância crítica de meios de suporte como dicionários e softwares, competência e eficiência de pesquisa, e competência na tipologia de textos. A terminologia técnica, novamente, recebe destaque especial nas propostas para o ensino, com categorização dos recursos terminológicos segundo as normas técnicas ISO 704 e DIN 2330. O sétimo capítulo encerra a obra com um curto apelo de definir melhor as exigências do processo de tradução (como a autora propôs com a norma DIN 2345), para standardizar o fluxo interacional

entre as partes operacionais do processo e melhorar a qualidade dos resultados de tradução técnica, não por último pela maior conscientização dos envolvidos sobre as exigências mínimas.

Resta decidir se a proposta inicial de Horn-Helf, de aproximar teoria e prática da tradução, foi bem sucedida. A resposta é “Não”, no sentido de superar o “abismo” entre os dois campos. A autora consegue, porém, mostrar que é possível analisar e sistematizar aspectos importantes da prática de tradução técnica, usando recursos

fornecidos pela teoria de translação moderna. Para alunos de tradução e tradutores que queiram ganhar uma noção das facetas da tradutologia e das possibilidades de aplicação da teoria à prática, Horn-Helf é uma leitura bastante proveitosa. O grande número de exemplos ajuda a ilustrar a sua categorização, embora o fato de que maioria deles seja em russo dificulta a sua apreciação plena por leitores que não dominem o idioma de Tolstoi.

Markus J. Weininger
UFSC